

– O que é, o que é? Ou melhor, quem é, quem é? Que escrevia histórias árabes, mas era brasileiro? Era professor de matemática e os alunos gostavam de suas aulas? Era famoso, mas também brincalhão? Gostava de sapos desengonçados, mas adorava geometria?

– Não faço idéia.
– É o Malba Tahan!
– Malba Tahan?
– Era um sujeito muito interessante, um professor de matemática superlegal. Era também escritor e escreveu muitos livros.

– Quantos?

*Quantos livros? Digo quantos:
Um quarto de quatro cantos
Pense bem no que te digo
Cada canto tem sem livros*

*E cento e quarenta no meio
Me responda sem receio
(Se errar, problema teu)
Quantos livros escreveu?...*

(Respostas na página 7)



Mello e Souza com 23 anos, quando inventou o nome R.S. Slade.

– Esse nome, Malba Tahan? Não é meio esquisito?

– Ah! É árabe. Significa “o moleiro do oásis de Malba”.

– Esse tal de Malba Tahan era árabe?

– Nada disso, era brasileiríssimo!

– Ora bolas, então por que tinha um nome árabe?

– Bom, esse não era o seu verdadeiro nome.

– Ah, não? Não estou entendendo mais nada!

– Seu nome era Júlio César de Mello e Souza. Ele nasceu no Rio de Janeiro e inventou aquele nome para fingir que era um escritor árabe. Inventou até uma história que contava a vida desse escritor, como se tivesse realmente existido, e todo mundo acreditou. Tudo aconteceu porque ele tentou publicar uns contos em um jornal, mas não conseguiu porque não era nem

famoso, nem estrangeiro. Aí ele inventou o nome R.S. Slade. Depois, levou os mesmos contos para o editor do jornal, só que assinados com o nome falso, e disse: “Traduzi uns contos desse fabuloso escritor americano. Dê uma lida.”

– E deu certo?

– O primeiro conto foi publicado no dia seguinte, na primeira página do jornal!

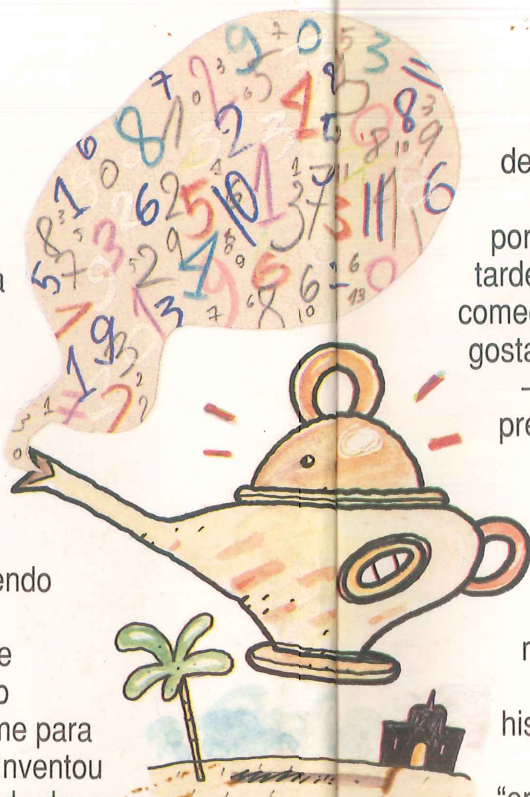
– Vejam só!

– Ora bolas, ele pensou,

então vou usar sempre um nome estrangeiro. Dito e feito! E escolheu Malba Tahan porque adorava escrever histórias árabes. Eram aventuras misteriosas, com beduínos do deserto, xeques e vizires, magos e emires, princesas e sultões. O seu livro mais famoso é *O Homem que Calculava*, que conta as aventuras de Beremís, um árabe que gostava de resolver os problemas da vida com soluções malucas e cheias de matemática.



À esquerda, seu primeiro livro, escrito em 1925. À direita, sua obra mais famosa.



– Malba Tahan deve ter sido um ótimo aluno de matemática...

– Que nada! Ele ia mal em matemática porque não gostava muito da aula. Só mais tarde, teve um professor de quem gostava e aí começou a entender melhor a matéria. Ele gostava mesmo é de brincar.

– Quais as suas brincadeiras preferidas?

– Brincar com sapos e escrever pequenas revistas, que se chamavam...

– Pronto, lá vem outro nome esquisito!

– ...ERRE. A revista tinha histórias, notícias e jogos.

– “Erre” da letra “R” ou “erre” de “errar”?

– Não sei. Acho que era um pouco dos dois, para nos confundir mesmo. Ele tinha uns 10 anos nessa época e já escrevia tão bem que vendia no colégio redações para os colegas que iam mal em português. Só assim tinha dinheiro para comprar chocolate.

– E as férias?

– Ia sempre para a cidade de Queluz, que fica em São Paulo, na beira do Rio Paraíba. A cada férias ele publicava um ou dois números da *Erre*.



Quando menino, fazia a revista *Erre*.

Foi nessa revistinha que ele inventou seu primeiro nome falso, Salomão IV. Veja nesta página um número da revista.

– E os sapos?

– Ah, ele tinha o costume de juntar os sapos, com a ajuda de um chicotinho, para que comessem os insetos na horta de sua mãe. Ele acabou ficando amigo deles. Parece até que sabia se comunicar com esses animais. Ele ia andando e os sapos iam atrás.

– Já imaginou!

– E quando se tornou adulto e virou professor e escritor continuou a colecionar sapos...

– Ahn?

– ...de louça.

– Ah, bom!

– Veja na foto abaixo Malba Tahan com uma parte de sua coleção de sapos.

– Nossa!

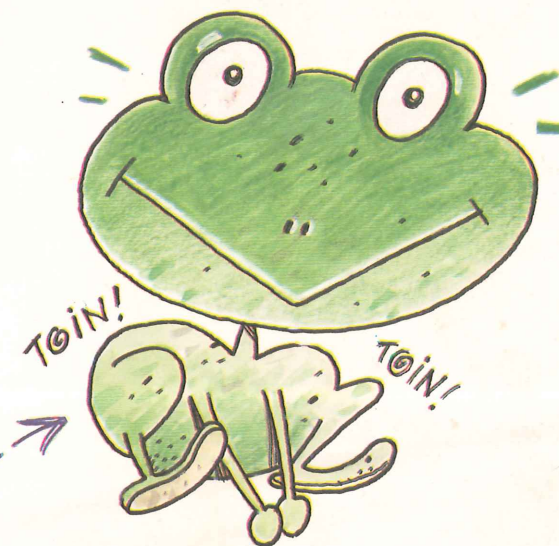
– Por falar em sapo, você já imaginou um professor que entra na sala de aula de guarda-pó branco e uma vareta, se

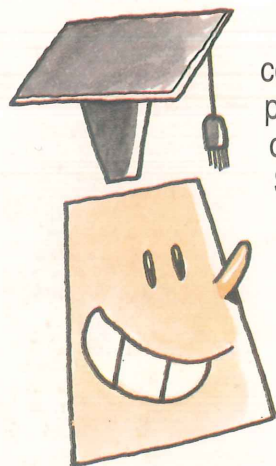
curva diante do aluno e diz *Salam AleiKum*, que quer dizer a paz esteja contigo, em árabe. Depois escreve na lousa uma adivinha sobre sapos para dar uma explicação matemática!

*Sete sapos há no brejo
Cem crianças no colégio
Quem responde ou fica mudo
Quantos dedos há em tudo?*



Malba e seus sapos.





– É o fim! Ou melhor, é o começo! Não, não, é o meio... porque foi no meio de sua vida que virou professor Mello e Souza e contador de histórias. Aliás, ele certamente iria nos interromper nesse ponto para dar uma explicação matemática para a idéia de “começo-meio-e-fim”.

– Assim já é demais!

– Pronto! Mais uma para ele analisar. Aqui o professor

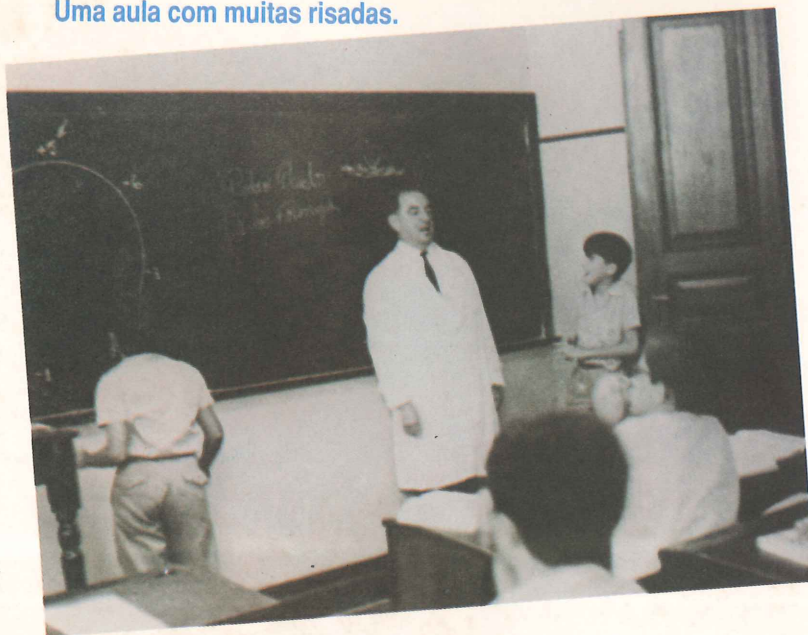
Mello e Souza diria: “Demais significa além da conta, em demasia, D+, muito positivo, em excesso, isto é, super, superando a expectativa anterior.” Realmente ele ia além das expectativas.

– A aula dele devia ser DEZ!

– Pronto, mais uma! Na certa, ele falaria sobre os números eleitos como superiores e aqueles pobres números que provocam pena. Portanto, quando se fala “É dez!”, está se falando de um número elegante, heróico, vitorioso e rico. Ou um tanto convencido, como alguém que tirou nota dez.

– Se bem que, para algumas

Uma aula com muitas risadas.



provas, dez poderia ser demais. Afinal, como dizia o físico alemão Albert Einstein, tudo é relativo.

– Einstein para ele era onze! Demais!

– E o zero? Eu posso imaginar: o pobrezinho era um nada, um zero à esquerda.

– Nada disso! Para ele, o zero era muito importante, uma coisa positiva, de muito valor.

– Puxa! E o zero até hoje é usado para denominar uma pessoa sem valor, como o Recruta Zero. Meu pai me contou sobre um sujeito que se chamava Um Dois Três de Oliveira Quatro.

– Malba Tahan ia adorar isso! Os números e as propriedades numéricas eram para ele como seres vivos. Para ele, havia números alegres e bem-

humorados, frações tristes, multiplicações carrancudas e tabuadas sonolentas. Havia algarismos arábicos com longas túnicas brancas e turbantes vermelhos e havia contas-de-faz-de-contas.

– Afinal, você não respondeu à minha pergunta: como era a aula dele?

– Ele apresentava a matemática com histórias, jogos e enigmas. Era o tipo do professor que chegava e desenhava na lousa um enorme bigode e completava com sua voz engraçada:



Malba vestido a caráter.

E pronto! Começava a aula sobre simetria e percepção de regularidades. Ou então dava um enigma matemático para ser resolvido, como esse quadrado mágico:

Escreva nos quadrados em branco alguns números que, somados nos dois sentidos, dêem os resultados que estão escritos.

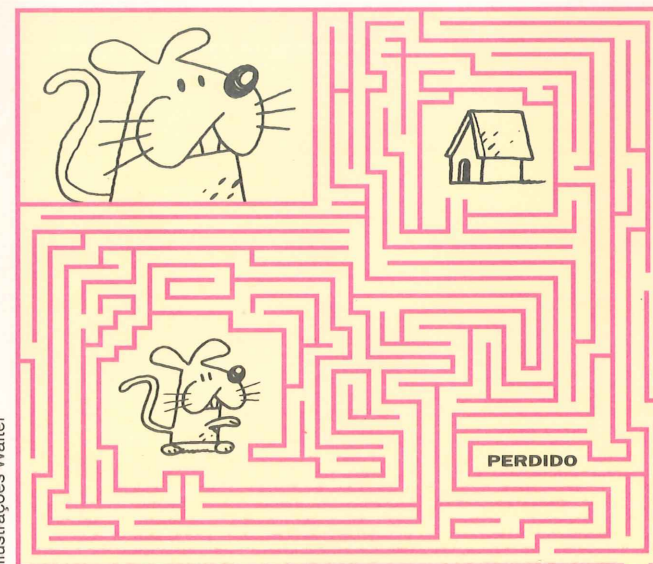


				16
				48
				20
				52
22	30	38	46	34

– Os erros não o incomodavam?

– Não, porque ele sabia que a matemática tinha que ser uma descoberta e que para descobrir uma coisa é preciso errar e trabalhar com números aproximados. Ele ensinava que os erros eram caras legais! Os erros nos mostram caminhos diferentes e revelam novas formas de pensar. Por exemplo, o jogo do labirinto é um jogo de tentativa e erro. O errar faz parte do jogo de aprender.

Ajude o cachorro de Malba Tahan, o Sultão, que existiu de verdade, a encontrar sua casinha.



Ilustrações Walter

Respostas:

Livros- 140 livros.

Sapos- Cada sapo tem 16 dedos (4 em cada pata). Portanto, 7 sapos têm 112 dedos. Cem crianças têm 2 mil dedos. Logo, a resposta é 2.112 dedos.

2	4	5	5	16
7	10	15	16	48
3	4	3	10	20
10	12	15	15	52
22	30	38	46	34



O menino Julinho, em 1906.

– Bem, essa é a história de Malba Tahan, o nosso “carioca das arábias”, o nosso “Pelé dos números”. Se estivesse vivo, ele teria completado no último dia 6 de maio 100 anos. Parabéns, menino Julinho! Parabéns, Salomão IV! Parabéns, professor Mello e Souza! Parabéns, Malba Tahan! Para terminar, mate esse último enigma:

O que é, o que é?...



Seis mortos estão esticados
Cinco vivos passeando
Os vivos estão calados
Os mortos estão cantando

Pedro Paulo Salles,
Escola de Comunicação e Artes,
Universidade de São Paulo.

Para mais informações sobre Malba Tahan, ligue para o Comitê Malba Tahan: (011) 211-8967. Caso você tenha algum material sobre ele (cadernos de alunos, cartas, livros, fotos, reportagens etc.) entre em contato com o pessoal do comitê. Caixa Postal 11277, CEP 05422-970, São Paulo, SP. O endereço eletrônico é ppsalles@usp.br.

Quadrado mágico- Há várias soluções para esse quadrado. O importante é ir colocando os números de forma proporcional, começando pela fileira de baixo, e ir somando, sempre de olho na soma, até conseguir um resultado satisfatório. Nos dois sentidos, não esqueça! Em todo caso, ao lado estão duas soluções, mas não deixe de tentar outras possibilidades.

Mortos e vivos- É o violão! Seis cordas e cinco dedos... Pense bem!

OS 35 CAMELOS

Ilustração Cruz

Poucas horas havia que viajávamos sem interrupção, quando nos ocorreu uma aventura digna de registro na qual meu companheiro Beremís, com grande talento, pôs em prática as suas habilidades de exímio algebrista.

Encontramos, perto de um antigo *caravançará*¹ meio abandonado, três homens que discutiam acaloradamente ao pé de um lote de camelos.

Por entre pragas e impropérios, gritavam possessos, furiosos:

- Não pode ser!
- Isto é um roubo!
- Não aceito!

O inteligente Beremís procurou informar-se do que se tratava.

– Somos irmãos – esclareceu o mais velho – e recebemos, como herança, esses 35 camelos. Segundo a vontade expressa de meu pai, devo eu receber a metade, o meu irmão Hamed Namir uma terça parte e ao Harim, o mais moço, deve tocar apenas a nona parte. Não sabemos, porém, como dividir dessa forma 35 camelos – e, a cada divisão que um propunha, segue-se a recusa dos outros dois, pois a metade de 35 é 17 e meio! Como fazer a partilha se a terça parte e a nona parte de 35 também não são exatas?

– É muito simples – atalhou o “homem que calculava”. – Encarrego-me de fazer, com justiça, essa divisão, se permitirem que eu junte aos 35 camelos da herança este belo animal que, em boa hora, aqui nos trouxe!

Neste ponto, procurei intervir na questão:

– Não posso consentir em semelhante loucura! Como poderíamos concluir a viagem se ficássemos sem o nosso camelo?

– Não te preocupes com o resultado, ó *bagdalí*! – replicou-me em voz baixa Beremís. – Sei muito bem o que estou fazendo. Cede-me o teu camelo e verás, no fim, a que conclusão quero chegar.

Tal foi o tom de segurança com que ele falou, que não tive dúvidas em entregar-lhe o meu belo *jamal*², que, imediatamente, foi reunido aos 35 que ali estavam, para serem repartidos pelos três herdeiros.

– Vou, meus amigos – disse ele, dirigindo-se aos três irmãos –, fazer a divisão justa e exata dos camelos, que são agora, como vêem, em número de 36.

E, voltando-se para o mais velho dos irmãos, assim falou:

– Devias receber, meu amigo, a metade de 35, isto é, 17 e meio. Receberás a metade de 36, e, portanto, 18. Nada tens a reclamar, pois é claro que saístes lucrando com esta divisão!

E, dirigindo-se ao segundo herdeiro, continuou:

– E tu, Hamed Namir, devias receber um terço de 35, isto é, 11 e pouco. Vais receber um terço de 36, isto é, 12. Não poderás protestar, pois também saís com visível lucro na transação.

E disse, por fim, ao mais moço:

– E tu, jovem Harim Namir, segundo a vontade de teu pai, devias receber uma nona parte de 35, isto é, 3 e tanto. Vais receber uma nona parte de 36, isto é, 4. O teu lucro foi igualmente notável. Só tens a agradecer-me pelo resultado!

E concluiu:

– Pela vantajosa divisão feita entre os irmãos Namir – partilha em que todos três saíram lucrando –, couberam 18 camelos ao primeiro, 12 ao segundo e 4 ao terceiro, o que dá um resultado (18 + 12 + 4) de 34 camelos. Dos 36 camelos, sobram, portanto, dois. Um pertence, como sabem, ao *bagdalí* meu amigo e companheiro, o outro cabe por direito a mim, por ter resolvido a contento de todos o complicado problema da herança!

– Sois inteligente, ó estrangeiro! – exclamou o mais velho dos três irmãos. – Aceitamos a vossa partilha na certeza de que foi feita com justiça e equidade!

E o astucioso Beremís – o “homem que calculava” – tomou logo posse de um dos mais belos *jamals* do grupo e disse-me, entregando-me pela rédea o animal que me pertencia:

– Poderás agora, meu amigo, continuar a viagem no teu camelo manso e seguro! Tenho já um outro, especialmente para mim!

E continuamos a nossa jornada para Bagdá.

Malba Tahan,
extraído de *O Homem que Calculava*,
publicado pela Editora Record.

(1) Caravançará – refúgio construído pelo governo e por pessoas piedosas à beira do caminho, para servir de abrigo aos peregrinos. Espécie de “rancho” de grandes dimensões em que se acolhiam as caravanas.

(2) Jamal – uma das muitas denominações que os árabes dão aos camelos.

A solução dada pelo herói do conto ao problema dos 35 camelos baseia-se no seguinte fato: as três frações – $\frac{1}{2}$, $\frac{1}{3}$ e $\frac{1}{9}$ – têm a soma igual a $\frac{17}{18}$, isto é, a soma de tais frações é menor do que a unidade.

A partilha dos 35 camelos pelos três herdeiros, segundo as determinações do testamento, não se fazia por completo. O primeiro receberia $17\frac{1}{2}$, o segundo $11\frac{2}{3}$ e o terceiro $3\frac{8}{9}$, e a soma dessas três parcelas seria $33\frac{1}{8}$.

Tal resultado mostra que, uma vez feita a partilha, ficaria um resto de $1\frac{17}{18}$, que não tinha dono. Aumentando-se a primeira parte de $\frac{1}{2}$, a segunda de $\frac{1}{3}$ e a terceira de $\frac{1}{9}$ (de modo a torná-las inteiras), desapareceria da parte restante (sem dono) a fração $\frac{17}{18}$ e ficaria essa parte restante reduzida a 1 camelo.

O aumento das frações é obtido admitindo o total de 36 e não 35, isto é, adicionando-se ao dividendo uma unidade.

